

## O significado internacional da eleição turca

*Correndo o risco de fazer simples o que é complexo: a vitória da oposição significaria uma aproximação à democracia e ao Ocidente; a vitória de Erdogan consolidará a autocracia e a otomanização.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 17 de Maio de 2023**

A Turquia foi a votos. Mas ainda não foi desta que ficámos a saber quem será o próximo Presidente. Erdogan, o actual, lidera com 49,50%; Kiliçdaroglu, a oposição desafiante, ficou-se pelos 44,89%; e Sinan Ogan, o terceiro candidato, pelos 5,17%. Como a lei eleitoral prevê que o vencedor terá que ultrapassar os 50% e nenhum dos candidatos os obteve, os dois primeiros terão que disputar uma segunda volta. E o terceiro, negociar e vender caro os seus preciosos 5%, que poderão ser decisivos.

Embora [Erdogan leve vantagem](#), o resultado final é ainda incerto. Certo é que o impacto destas eleições pesará não só sobre a Turquia, mas também sobre a política internacional. Quando chegou ao poder, em 2003, Erdogan começou por se aproximar do Ocidente e exprimiu a ambição de aderir à UE. Abriu o regime e representou a esperança de que era possível uma democracia islâmica. Vinte anos depois, a esperança deu lugar à desilusão. E a partir da tentativa de golpe em 2016, o regime desenvolveu um processo de reforço da islamização no plano social e religioso, de endurecimento da autocratização no plano político e de neo-“otomanização” no plano da política externa. Evoluiu num sentido islamo-conservador e de um sistema semipresidencial de pendor parlamentar para um regime presidencialista.

A mudança constitucional foi acompanhada do engrandecimento dos poderes presidenciais, do ataque à independência do poder judicial, do controle dos meios de comunicação social, da repressão da oposição política e da neutralização da sociedade civil. A tentativa de golpe motivou uma violenta purga e o conseqüente controle da administração pública e das Forças Armadas e de segurança. Os cientistas políticos classificam, hoje, o regime turco já não como democracia eleitoral, mas como autoritarismo competitivo.

No plano internacional, Erdogan *desocidentalizou* a política externa turca e orientou-a para as áreas tradicionais de interesse estratégico do império otomano: Mediterrâneo e Médio Oriente, Cáucaso e Ásia Central. E, claro, reforçou, como nenhum outro líder turco as relações com a Rússia de Putin. Que significado terão os resultados eleitorais sobre a política internacional? Se Erdogan vencer, com uma ou outra *nuance*, poderemos esperar a continuidade desta linha de política externa. Mas, se a oposição vencer, será que podemos esperar uma mudança de política externa? Certamente que sim. Mas sem rupturas e com algumas linhas de continuidade.

No plano interno, Kiliçdaroglu anunciou já que regressaria ao regime parlamentar, à separação de poderes, ao respeito pelas liberdades políticas e ao Estado de direito. Só

isso seria já um factor importante para a imagem externa da Turquia e a aproximação do Ocidente. No plano da UE, embora a curto prazo não se anteveja a reabertura de negociações para a adesão, um clima de maior confiança mútua facilitaria um diálogo sobre a união aduaneira UE-Turquia e uma revisão do código penal turco possibilitaria a liberalização de vistos.

Mais difícil seria o acordo migratório UE-Turquia. Mas também no que respeita à relação com a NATO se abriam melhores perspectivas para uma Turquia como aliado de parte inteira. Primeiro, no plano político, uma maior abertura e a aprovação mais célere da adesão da Suécia. Segundo, no plano militar, com o cancelamento, ou pelo menos a suspensão, dos mísseis russos S-400 e regresso ao programa dos caças F-35 americanos.

No Mediterrâneo Oriental poder-se-ia esperar uma política menos imperial e mais dialogante: aceitando a solução de dois Estados para Chipre; assumindo uma postura menos beligerante com a Grécia; e normalizando relações com a Síria.

Finalmente, a Rússia. Todos os governos turcos mantiveram cooperação e relações funcionais com a Rússia. Mas nenhum ousou ultrapassar os limites do interesse estratégico e da cooperação militar. O ressentimento com o Ocidente e a amizade com Putin levaram Erdogan a ultrapassar esse limite. Um Governo da oposição regressaria, certamente, ao princípio tradicional. Mas as relações económicas e a dependência energética turca do petróleo e do gás russo não fariam mudar a política de Ancara sobre as sanções do Ocidente à Rússia na guerra da Ucrânia.

Correndo o risco da generalização, sempre abusiva, e de tornar simples o que é complexo, o significado internacional da eleição turca não andarão longe disto: uma vitória da oposição significaria uma aproximação à democracia e ao Ocidente; uma vitória de Erdogan, a consolidação da autocracia e da “otomanização”.

<https://www.publico.pt/2023/05/17/opiniao/opiniao/significado-internacional-eleicao-turca-2049855>